



Gaiato

7 DE AGOSTO DE 1971

ANO XXVIII—N.º 715 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Doutrina

UM inquérito orientado por um Assistente de Sociologia na Universidade do Texas revela que os Pobres são os culpados da sua situação e declara que as principais razões da pobreza são defeitos pessoais, tais como a preguiça, o alcoolismo, a fraqueza de vontade, a imoralidade...

Claro que os americanos pensam e julgam da sociedade americana — de que me parece não poder concluir-se em total analogia para outros países de condição bem diferente.

Em todo o caso creio haver algumas razões que só não serão comuns a todos os Povos na medida em que as possibilidades de acesso à cultura são muito diversas de uns para outros.

O nosso contacto com o sub-mundo da miséria, muitas vezes nos tem sugerido a falta de educação como base de problemas pròpriamente materiais.

A conformação é uma virtude cristã. O conformismo perante a «fatalidade» de certas situações é um perigoso vício social.

É aflitiva a adaptação de muita gente do dito sub-mundo às condições em que vive. Faltando o estímulo que o mal-estar sofrido constituiria, a inércia domina em vez da reacção — e muitos não levantam uma palheira em prol do seu progresso.

Creio que onde haja mais escola, mais educação, mais convívio entre classes económica e culturalmente desniveladas, e daí segregadas, surgirá imediatamente uma ânsia de promoção que os próprios compreendem, ou intuem, depender sobretudo da sua iniciativa. A nossa experiência em África diz-nos isto mesmo: a corrida do nativo à escola; a evolução no modo de viver das famílias onde há filhos a estudar e mais ainda se os pais são artífices já qualificados, com conseqüente exercício de responsabilidade no trabalho e maior frequência no contacto com outros responsáveis a nível superior.

O que, relativamente, talvez, à América, em outros países se não pode imputar de ânimo leve aos Pobres, é a culpa da sua pobreza — pela falta de oportunidade de se cultivarem e pelo «ghetto» em que têm vegetado.

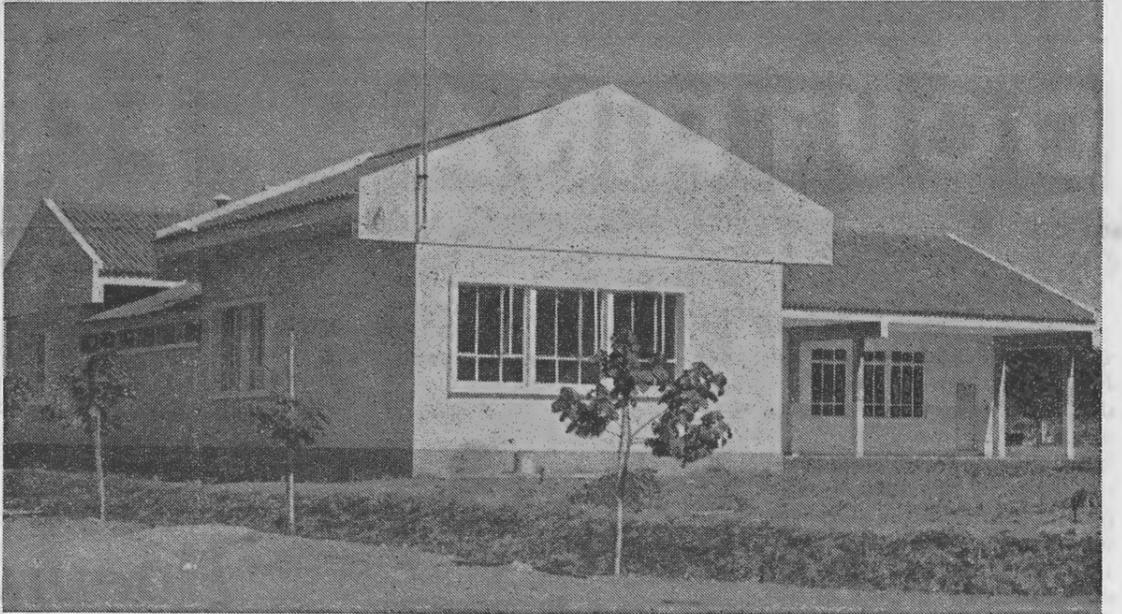
Sem letras, sem ambiente são, física e moralmente, sem

Cont. na SEGUNDA página

A Escola é o alicerce da instrução e educação de um Povo.

Particularmente para a Casa do Gaiato é o motor de arranque da formação dos nossos Rapazes.

Eis duas faces do novo e funcional edificio das escolas da nossa Casa de LOURENÇO MARQUES



LOURENÇO MARQUES

Por

P.e José Maria

O estilo de grande cidade que aqui se vive, atrai necessariamente os indivíduos mais indigentes ao contacto com o cidadão evoluído. Este, por bondade mal formada ou até por um certo sentido de justiça sub-consciente, deixa aqui e ali uma esmola, onde quer que alguém lhe estenda a mão. E cria-se assim uma espécie de relações públicas anónimas e portanto contraproducentes.

Não há pessoa que resista, seja por formação de consciência ou por preconceito, ao estender da mão. Há atitudes, palavras e circunstâncias que dominam a nossa vontade. Horas de rejeição, momentos de lazer diante dum supérfluo, no café, portas de igreja, são lugares mais certos que os próprios lugares de trabalho ou a rua.

De todos os que nesta cidade usam a mão estendida, o quadro mais frequente e sensibilizante é o das crianças. Abundam nos lugares mais frequentados a qualquer hora do dia e constituem um problema citadino sobre o qual os nossos jornais se de-

bruçam de vez em quando, atingindo a autoridade mais que o público que não se vê implicado no assunto.

Ora se o facto social é inevitável no seu aparecimento, creio não o ser no incremento. Como há dias alguém escrevia «a bondade individual dos laurentinos fomenta a pedincha até se desenvolver e progredir ao último grau».

No respeitante a crianças, sobretudo. Quantas delas saem de casa para viverem à vontade na rua com o dinheiro da esmola! A situação é flagrantemente deseducativa e anti-social. Em primeiro, porque aliena as pessoas de uma situação social mais profunda e vasta para cuja solução todos devem contribuir de modo a possibilitar aos indivíduos de baixo nível económico a satisfação das suas necessidades primárias como sejam o alojamento condigno, a subsistência, a instrução e educação convenientes.

Continua na QUARTA página

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

Praias — Neste momento temos o primeiro turno, gozando, como já é hábito em nossa Casa, as duas semanas de férias.

Um assunto falado por todos.

A expectativa que rodeia os dias em que um turno termina as suas férias para dar vez a outro, é sempre motivo de especulação geral; as notícias que trazem e outros querem saber, assim a modos de quem toma precauções para quando chegar a sua vez.

Sem dúvida que são necessários, se bem que nem sempre merecidos, estes deliciosos 15 dias que todos passamos em nossa Casa de Azurara.

Espero e peço, para bem de toda a comunidade, que saibamos merecer o descanso que nos é proporcionado.

Fruta — Sempre que a possuímos, surgem mais uns problemazinhos de certa importância. Todos em Casa sabemos que ninguém deve



O António Pinto, chefe eleito da comunidade de Paço de Sousa.

atrever-se a ir às árvores de fruto. Todos temos direito a saboreá-la na mesa, mas só na mesa!...

Deixo uma pequena lembrança a todas as pessoas que nos visitam, assim como às pessoas da freguesia, que respeitem como seu, tudo quan-

to gostam de ver e nós temos gosto em mostrar-vos.

Exames — A actividade escolar é intensa em nossa Aldeia. São os nossos que fazem exames da 4.ª classe e do 2.º ano da Telescola; mas este ano os exames de instrução primária são feitos em nossa Casa.

Tivemos o especial cuidado de conservar as salas em ordem para que os alunos se sentissem bem instalados, sem receio e também para que a saúde deles não perigasse.

Depois destes dias de labuta intensa, esperamos resultados compensadores.

Eleições — Mais uma vez tivemos mudança de chefe maior.

Dia 4 de Julho, depois do jantar, reunimo-nos numa das salas de aula e como sempre os eleitores tinham de ter o 2.º grau para poderem dar seu voto.

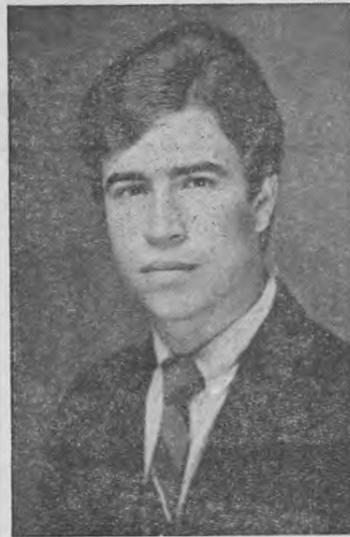
Chegou a vez de Manuel António ir para o serviço militar e também passar o facho da responsabilidade desta Casa de Paço de Sousa.

Apenas haviam dois candidatos às eleições; eram eles: o Jorge Manuel e António Pinto.

Por volta das nove começou a sessão solene, a sessão da escolha de um dos rapazes para irmão mais velho da casa na ausência do chefe da família, o nosso Padre, e, que razões variadas obrigam a estar ausente.

A sessão decorreu com a maior emoção, para ambos os partidos, e, estes esperando ver satisfeitos os seus votos.

Um dos candidatos para ser chefe maior teria que recolher metade do número total de votos, mais um.



O Jorge Manuel, sub-chefe.

Portanto, eram 70 os eleitores e o chefe teria de recolher 36 votos.

Durante o acto e para ser eleito o chefe foram necessárias duas votações. Da primeira votação apenas se atingiu 32 votos a favor do Jorge Manuel, contra 29 do António Pinto e 8 abstenções.

Segunda votação, o António Pinto atingiu 35 votos, contra 28 do Jorge Manuel; portanto considerado vencedor o António Pinto.

Mais uma vez o facho mudou de rapaz e esperamos que este saiba conduzi-lo condignamente, sem esquecermos que somos humanos, sujeitos a erros, mas tenhamos o desejo de levantarmos os olhos e dizermos: errei. Pois bem, vamos corrigir esses erros.

Ao novo chefe maior os votos de que pegue o facho sempre virado para cima, sempre ao alto, indicando o caminho a outros que hão-de vir.

O caminho é duro, não é possui-

dor de algodão macio, que deixa gosto e prazer pisá-lo.

Jorge Manuel

III

CALVÁRIO

Já estão passados uns bons pares de anos em que viemos pela primeira vez até estes lados. E outra, mais outra... até que viemos para sofrer com os que sofrem. E ajudar os que já ajudavam. E que estão a ajudar... fisicamente.

Tudo cheirava a primitivo. Mas, a labuta de quase uma centena (não sei se passaria) de operários, viria a dar, na realidade, as primeiras construções ainda no tempo de Pai Américo. Embora não tivesse a dita de ver a realidade, que é hoje ao serviço do doente e rapaz carecidos de carinho e amparo, a antiga «Quinta da Torre». Como os amigos daquela data estarão recordados, a capela dos rapazes ainda foi inaugurada por Ele em 1956. Quatro dias antes de o Senhor lhe anunciar, com a vinda da Morte, que a Missão terrena estava no fim! O marco estava erguido. Assim como outrora fizeram os descobridores...

Pai Américo «sabia» que o seu gesto de «modificar» tudo iria ter seguimento! Ao cabo de lutas, canseiras e sacrifícios que não se podem enumerar. E que mesmo que fosse possível os homens «terrenos» não entenderiam. Como naquele tempo lhe chamavam louco!

Se todas as loucuras que se têm cometido através dos tempos primassem com palavras, atitudes, e, sobretudo com as obras deixadas aos presentes e vindouros, por Pai Américo, o mundo não teria estendido tanto mal... Mais do que isso tanta injustiça para com os incapacitados morais e físicos! Oh! Mundo, deixa que Deus reine! Quando reconhecerão os teus habitantes que tudo terá o seu fim? Não pensarão que os biliões e biliões de contos que são gastos a demonstrar «habilidades» seriam mais bem empregados beneficiando os irmãos sofredores? Embora com deficiências próprias de mortais este recanto é um aviso... para muita levandade! Para bom entendedor... será necessário melhor esclarecimento?!

Manuel Simões

MALANJE

A nossa Casa nasceu, talvez, numa tarde chuvosa de Novembro e à luz do candeeiro a petróleo. Eram doze rapazes que vinham dizer a esta região o que é a Obra da Rua.

Não demorou muito tempo que fosse necessário fazer obras para retirar o lixo das ruas e transformá-lo em marfim.

Uma do Calvário



DOCTRINA

Cont. da PRIMEIRA página

o arejamento do contacto com outros horizontes — como não hão-de proliferar as ervas ruins da preguiça, do alcoolismo, das abulias, da imoralidade, das mais diversas taras, onde deveria crescer a diligência, a temperança e produtividade, toda aquela força-viva de construtividade, sempre pronta a desencadear-se da alma sã que habita corpo são?!

Conformismo nos Pobres, que dele não sairão sem o estímulo de mãos fraternas que humildemente se lhes estendam na consciência de um dever elementar a cumprir para que o mundo possa ser melhor, não naquela super-consciência de uma generosidade livre de ser ou não ser. Conformismo em muitos outros que, suficientemente, ou muito bem colocados na vida, ignoram a condição de multidões (que são maioria à escala mundial) ou descreem do potencial da Verdade, da Justiça, potencial capaz de levantar essas mesmas multidões com a força explosiva do Amor fraterno.

Claro que restará sempre um grande número de preguiçosos, de ébrios, de abúlicos, de imorais — por tara. Para esses assistência.

Para os outros o estímulo da educação, da amizade, da

confraternização de classes, na desclassificação da sociedade segundo critérios que não sejam o mérito de cada um, do valor de cada um ao serviço dos outros.

Quando começou o Património dos Pobres, Pai Américo não queria bairros, mas casinhas espalhadas no meio de outras casas, porventura melhores e mais ricas, mas onde o contraste nunca atingisse o escândalo. E visinhos, pobres e ricos, ajudando-se, convivendo, partilhando ainda mais urgentemente bens espirituais do que materiais.

Quando agora orientamos os recursos do Património mais para os Pequenos Auxílios àqueles que têm ansia de promoção e se dispõem primeiro que tudo a pôr o seu esforço e o seu sacrifício na consecução de um estágio de vida melhor — é o mesmo objectivo que prosseguimos: o Pobre a lutar e a reagir para ser menos pobre.

Mas são tantos os que ficam para trás, culpados sim, também por culpa de todos nós, tão inertes em levar-lhes o nosso testemunho de amizade, a nossa disposição de partilhar a vida — sem o que jamais será possível o arranque de porto-morto em que os deixamos cair e eles se deixam estar. Grande reforma de mentalidade e de estruturas há, pois, que operar.

Até lá, embora não discordemos totalmente, no que se refere ao nosso meio, temos algum pudor de afirmar que «os Pobres são culpados de continuarem pobres».



CALVÁRIO



Por
**Padre
Batista**

As vezes, tenho a tentação de ir, não digo de rastos, mas com muita veemência suplicar uma ajuda, um subsídio oficial para o Calvário. Os doentes inválidos e abandonados que aqui temos merecem-no. Ou, melhor, é de justiça que sejam amparados por quem tem o governo da coisa pública. A tentação surge às vezes somente no espírito. E ainda bem que não cedemos, que não vamos retirar verbas destinadas a fins julgados mais úteis... E ainda bem. Pois que logo — e isto tem sucedido com frequência, — os donativos começam a afluir, não digo em torrente mas abundantes, consoante vamos carecendo. Se não vejamos:

Um casal de Lisboa, des-

Hoje, não são candeeiros a petróleo mas sim candeeiros eléctricos. Era tudo mata, hoje é um jardim.

Eram uma dúzia de rapazes e hoje já passaram de meio cento.

Há meia dúzia de anos que nenhum deles tinha instrução primária e, hoje, há aqueles que estão já colocados e bem colocados.

A maior parte dos empregos arrançados não foram na cidade de Malanje, mas pela província fora.

E isso é testemunho de uma Obra cheia de amor e carinho, cuja missão é preparar homens, mas que sejam realmente homens.

Pai Américo dizia que o gaiato era o lixo que a sociedade desprezava. A sociedade desprezava esse lixo e Pai Américo fazia e faz maravilhas com ele.

Até hoje, graças a Deus, todo o rapaz que se emprega longe da nossa Casa — Casa paterna — tem que arranjar uma oportunidade. Os conselhos do «Vêlhinho» — Padre Telmo — nunca faltam nestas tão preciosas visitas.

Resta-me pedir aos leitores a compreensão perante as necessidades da nossa Casa. Estou longe dela, mas sinto que ela precisa da nossa ajuda. Imaginem os leitores que os Rapazes da Casa do Gaiato são vossos filhos. Eles não têm pais, os pais deles somos todos nós. Nós que ganhamos e podemos de vez em quando oferecer alguma coisa, embora seja pouco.

Manuel Fernandes

viou sua rota de férias e veio entregar a quantia de vinte e seis contos. De V. N. Gaia um anónimo com dez contos. As alunas do Liceu Rainha Santa com três contos. De gratificação extraordinária 800\$ do Dundo. A assinante da casa dos cem vem com mil e duzentos escudos. «Por amor a Deus e aos Pobres» cem. A humilde portuense continua a marcar presença todos os meses. Maria da Av. do Brasil com mil escudos. Três notas de vinte de Ovar. «Portuense qualquer» não desiste também todos os meses. Há tantos anos! Gostava de a conhecer. Uma «gota de água» de uma «humilde velha». Álvaro com dez contos. Um amigo de Espinho, com alegria e entusiasmo invulgares, veio com tecidos novos e modernos, e com doze contos. Bem haja pela devoção. M. Eduarda com mil «para o nosso Calvário». V. G. com mil e quinhentos. As filhas de Rita e Aurora com cem. Em nome de Raquel outro tanto. Assinante do Seixal 500\$. Elvira com 300\$. Carlos com cem. Viúva de Mafra com igual nota. M. José de Guimarães, com 300\$. M. Glória com a «desobriga mensal». Regina, do Porto, com 50\$. Anónima da R. das Papoilas com a presença mensal. Maria, criada discreta, com 20\$. Raúl do Porto, com cem todos os meses. E são os Raúl, as Marias, os Josés, os anónimos, as entidades que nos fornecem o subsídio, não oficial, mas preciso.

Admiradora da Obra com 200\$ do «meu aumento de ordenado». Dois leirienses com 50\$. António Ramos com 50\$ todos os meses. M. J. com 200\$. Assinante e marido com 120\$ todos os meses também. São de Braga. M. das Dores com 150\$. M. Cordeiro com embrulho de roupa. M. Lufza com mil escudos. Deolinda de Miranda com dez mil. Professora primária de Odivelas com 50\$. Ermelinda da Póvoa com cem. Hermínia com 500\$. Deolinda com metade. Ana com 150\$. «Para os doentes aí recolhidos por graça de Deus», 500\$. Em recordação do P. Cruz, 600\$. Colecta entre os alunos da Escola Industrial do Fundão rendeu 450\$. Familiares de Alice Santos com 700\$. Da Damaia 200\$. Por M. Joaquina 500\$. Mais cem. Mais roupas. De Lisboa mais 500\$. Do Porto 300\$. De Borba cem. Por alma de sua mãe outro tanto. De Paço de Arcos metade. De Monção uma encomenda de roupa. De Alferrarede um aumento de ordenado — 400\$. De Corim, vicentina com 600\$. De Setúbal mil. Da África do Sul, 4 rands. De Vila Franca de Xira, 15\$. Aumento de ordenado 450\$. Mais 50\$. Jerónimo de Braga com 200\$. Conceição de Lisboa com mil. Irmã com 50\$.

Ana Pinto apresenta-se com dez contos. Casal amigo com 500\$. Outro com 50\$. M. Fernanda com o dobro. Celeste com 50\$. Tobias com 300\$. Zé Ninguém, no aniversário do casamento com mil. Carta assinada por «uma sem importância». Pequena Anabela com cem. Alda, de Lisboa, com outro tan-

Visado pela
Comissão de Censura

AS NOSSAS EDIÇÕES

O «Isto é a Casa do Gaiato» e os nossos leitores

Não podemos silenciar a pujança do movimento da Editorial, nem os suculentos depoimentos dos seus milhares de assinantes. Assim como a presença de novos amigos que, motivados directa ou indirectamente, se nos dirigem todos os dias. Vamos empurrados! E com que delícia o afirmamos, a todos vós que saboreais as preciosas obras de Pai Américo.

O Martins lá está a preparar mais uma série de 200 exemplares de «Isto é a Casa do Gaiato». Já estão na rua à volta de 7.000! E não de sair mais e mais e mais. Porquê? Uns passam recado a outros: em roda de amigos, em reuniões familiares, no escritório, na fábrica, na rua, nos cafés, nos transportes, em todo o lado. Ou mesmo sensibilizados por calorosas apreciações, transcritas assiduamente nestas colunas. Tudo «isto é a Casa do Gaiato» — diria Pai Américo.

Vamos, pois, continuar a ouvir a vossa opinião. Que não enfada, que não diminui de intensidade — nem de qualidade. E segue tal qual, respigada à sorte, ainda que retalhada — mas nem por isso menos suculenta.

Aí tendes uma albicastrense:

«Este livro, tão encantadoramente simples, tão acessível a todas as idades e culturas, é tão rico, tão profundo em conteúdo! Lê-se, relê-se e vol-

to. Senhora idosa com a mesma soma. Amiga do Seixal com mil. Isabel com 300\$. Amiga da Palhaça com 250\$ uma e muitas vezes. Ernest Oswald com 50\$ todos os meses no nosso Lar do Porto. Estes cem vêm com esta legenda — «que nós venhamos a ser melhores do que somos». Paroquianos de Baltar com 400\$. M. Teresa com 20\$. Oporto Ladies guild com a presença anual de 2.500\$. J. Alves com cem. Anónimo no Espelho da Moda com 5.000\$. O avô do costume prossegue na amizade pelo seu neto, de quem se vai lembrando com uma presença mensal junto dos doentes do Calvário. Lufza com 20\$ e igual perseverança. Anónimo com dez contos em sufrágio. Princeplina com 200\$. Assinante 19109 presente todos os meses. Há sete anos a «doente para doentes» faz o mesmo. E a «Oferta para o Calvário» também se repete de igual forma. Miquelina com 600\$. América com 50\$. «Portuense qualquer» deve estar muito ao par da nossa vida, pois no aniversário da morte de Pai Américo aqui está presente. Cecília com mais cem. Amélia de S. João do Estoril, também vem todos os meses. Outra Amélia de Carcavelos copia-a. E continuaremos, oportunamente, que a presença dos amigos não cessa.

Padre Batista

ta-se a lê-lo e há sempre uma frescura, um sabor novo, uma seiva que se comunica. Li-o dum trago e li-o depois pausadamente. Não cansa. Abro-o ao acaso e quanto mais o leio melhor descubro o Evangelho nas suas páginas.

A Obra da Rua é uma autêntica multiplicação de pães (aqui e além-mar). Rostos destruçoados, olhares apagados, que se transfiguram e irradiam luz...

Aqui têm, senhores teólogos do século XX, muito que dissecar...

Continuemos.

Agora, é uma jovem angolana:

«Como estão, bem dispostos não é verdade? Espero que sim.

... Costumo ler o vosso jornal e gosto imenso; mas o livro é mais completo e é maravilhoso. Já o li inúmeras ve-

zes e até vivi momentos felizes ao ler aquelas páginas. Sinto-me quase que em família!

Apesar da minha pouca idade, 18 anos, sei apreciar obras boas e, a obra de Pai Américo é uma delas. Não deixem de mandar livros: serão recebidos com muito carinho...

Ficamos sempre muito contentes com a presença dos novos. É sangue novo! Assim como rejubilamos com os Pais ocupados a despertar o interesse dos filhos pela Obra da Rua. Como este casal de Santo Ovídio — Gaia:

«Recebi o vosso precioso livro, que muito aprecio e guardo carinhosamente para os meus filhos, bem como outros que já possuo. Oxalá eles os

Cont. na QUARTA página

TRIBUNA de Coimbra

O Quim é agora o nosso reizinho. O Joãozinho de Çabique (como ele diz), com seus cinco anitos espertos, estava a ficar mimalho. Pela cor preta da pele e pela candura dos olhos o Joãozinho tinha de ser pólo de atracção.

O Quim veio ocupar, em parte, o lugar do Joãozinho. Na nossa grande família os pequeninos têm um lugar muito especial. Todos os querem; todos lhes pedem um beijo; todos procuram sentá-los na cadeira e pôr-lhes e tirar-lhes o babete; todos os põem a fazer xixi.

O Quim tem três anos. Veio dum sanatório, para onde tinha entrado aos três meses. Nessa idade foi encontrado pelas Irmãzinhas, na barraca da mãe, dentro de uma gameleira de madeira à mistura com sua caca seca. Um ser humano a mirrar, à espera da morte. A Irmã, que o criou e no-lo veio trazer, partiu a soluçar sem se despedir do meu Quinzinho. O Quim anda de lado para lado a receber e a distribuir mimos.

Apesar de tudo, ele sente necessidade de mãe. Muitas vezes é necessário dar-lhe o comer na boca, pela falta de apetite que tem. Não dorme se houver barulho à sua beira. É uma criança como as outras da sua idade.

Nos últimos tempos, temos sido instados por receber pequeninos. A nossa resposta é que não. As crianças (e todos os outros) têm necessidade de mãe e nós não a temos para lhes dar. A Senhora, que há vinte e tal anos tem sido mãe em nossa Casa e tantos filhos tem criado, esgotou a sua saúde. Não pode mais. Tem razão para estar esgotada. Estamos entregues a nós mesmos e não pode ser.

Começamos a construir instalações para os mais pequeninos, pois não tínhamos nada para eles. Mas anda-nos na alma a angústia inquietante: não temos quem queira ser mãe dos filhos dos outros.

Há tantas mulheres válidas de corpo e espírito, com entranhas de amor de mãe, à procura de se realizarem e serem felizes e teimam não atinar com este caminho.

Aqui deixamos a nossa porta aberta. O Quim, o Joãozinho, o Carlitos, o Nana, o Paulinho e os outros esperam por uma Mãe.

Padre Horácio



Aqui Lisboa

Por
Padre Luiz

«O fundamento da Obra da Rua é a sua pobreza. Os «Padres da Rua» são mendicantes; padres pobres ao serviço de uma Obra pobre. Sempre que for necessário, saiam a mendigar de porta em porta e recebiam por amor de Deus, tanto o sim como o não. Também com licença dos Bispos, vão pelas igrejas e apresentam-se ousadamente como padres sem oiro nem prata; sabendo que a eficácia da palavra que faz estremecer as almas, provém, não deles, mas sim da total concordância entre o que dizem e o que realmente são.» Estas palavras são do testamento espiritual de Pai Américo, retiradas «Do fundamento da Obra da Rua e do teor dos seus obreiros».

Pouca gente saberá do que é preciso de esforço e de tenacidade para fazer face aos encargos com o sustento e a educação duma comunidade de mais de 100 Rapazes. O que todos, porém, acreditarão sem dificuldade é das volumosas necessidades duma Casa como a nossa. Por mor delas, apesar das mãos calejadas dos Rapazes, temos de ir por ali e por acolá, procurando os meios que nos permitam ajudá-los no seu crescimento físico, psíquico, moral e profissional. Devemos dizer que, dum modo geral, somos bem recebidos. As excepções até nos ajudam. Quando tudo se passa sem dificuldades corremos até o risco de nos instalarmos e de perdemos a combatividade. O sim

e o não fazem parte da nossa vida. A sua aceitação por amor de Deus caldeia-nos para os cometimentos mais ousados e dá-nos uma visão mais recta das coisas. O Mundo é constituído por justos e por pecadores; por homens como nós, de carne osso, passivos de paixões e de fraquezas. O seu conhecimento enriquece a nossa compreensão das pessoas e dos acontecimentos. Há, porém, casos que transcendem a nossa capacidade «digestiva» e, como o Jesus do Evangelho, nos apeteceria apelar de hipócritas os seus autores, fari-seis do nosso tempo.

Temos encontrado do Clero a melhor colaboração. Uma ou outra resistência não nos faz esfriar. O Povo, ausentes pedinchices lamuriantas da nossa parte, sem lhe falarmos em dinheiro, sabe muito bem que também não podemos passar sem ele, e ajuda-nos. Em contrapartida oferecemos-lhe a Palavra do Evangelho, sem artificios ou afectações. O que pregamos não é nosso e daí o seu acolhimento. Nas igrejas costumamos deixar o quantitativo computado normal pelos respectivos Párcos. Há também quem dele prescindia por saber da finalidade da Obra e da sua mística, mas compreendemos que isso nem sempre seja viável. Já é grande demonstração de fraternidade o abrir-se-nos as portas dos Templos.

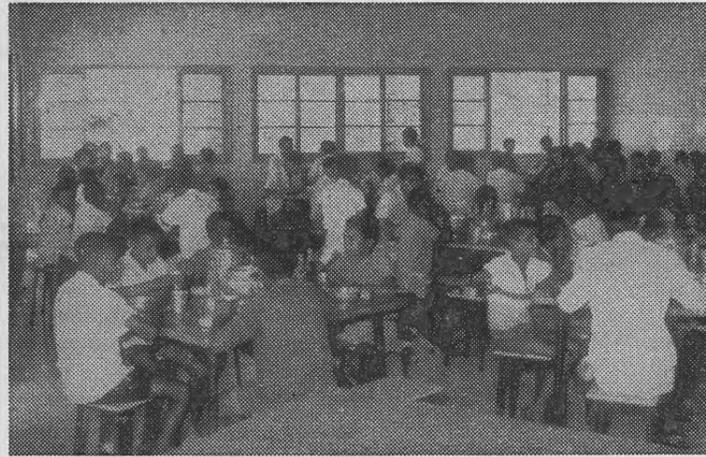
Nestas andanças em que por devoção nos metemos, graças

a Deus, também o insólito acontece. Há dias, numa das terras da linha do Estoril, onde o índice heliotérmico parece ser favorável à cura das doenças ósseas mas não muito favorável à vivência das linhas conciliares de autêntica fraternidade e do sentido da Igreja, entre os luminosos argumentos apresentados para que a sua igreja continue, de há sete anos a esta parte, com o sinal vermelho, surgiu este: «a Obra do Padre Américo não é Obra da Igreja!» Alguém, com formação jurídica e conhecimento da Obra, rebateu logo a afirmação. Para nós foi uma tristeza ouvir tais palavras, não

pela Obra, que mesmo sem erecção canónica seria sempre da Igreja, no espírito e na actuação concreta, mas por quem as proferiu. À mente veio-nos, também, a esgrima oral de há anos, quando a nossa presença ali só foi possível ao dizermos que nos deixassem falar na igreja referida mesmo que de lá nada trouxéssemos, que o que mais nos interessava era pregar a doutrina. Acabámos por fazer as homilias e trazer alguns cobres, mas sabe Deus quanto tudo isto nos custou. Que o Pai do Céu se amerceie de nós! Não será pelo fariseísmo das atitudes deste quilate que deixamos de continuar a estender as mãos aos Rapazes ou Pobres que nos procurem, mesmo oriundos, como tem sucedido, dos territórios onde pontifiquem irmãos com proceder semelhante.

Uma das horas
mais apetitosas!...

Eis o belo
refeitório
da nossa
Casa de Benguela.



Demos, há dias, por concluir mais uma fase de obras. Como tinha anunciado restaurámos a cozinha, copa, dispensa, balneário e arrumos. Fizemos uma pequena sala de jantar para as senhoras, modificámos e alindámos o refectório e criámos condições para que tudo esteja limpo e em ordem.

Os Rapazes exultaram e exultam. «Nós agora comemos com faca», dizia há dias o «Caracolito» a uma senhora que regressava a esta Casa.

As paredes fumadas e carcumidas deram lugar a outras bem desempenadas e pintadas. Os azulejos velhos desapareceram e outros novos dão beleza e asseio aos lambrins da cozinha, copa, dispensa, balneário e corredores. Os armários da cozinha que nunca existiram, apareceram agora com tampos de aço inoxidável. A copa ficou funcional e apetrechada com uma máquina de lavar loiça.

O fogão velho, a lenha, foi para a sucata e substituído por outro, mais potente e a gaz oferecido por uns amigos de Lisboa, em segunda mão, e reconstruído na nossa serralharia pelos Rapazes. Um ter-

«Isto é a Casa do Gaiato»

Cont. da TERCEIRA página
cheguem a estimar e admirar tanto como nós...»

São os nossos votos.
Demos um salto à capital.
E ouçamos um lisboeta:

«Tenho o prazer de remeter 50\$00 para pagamento do valor material do livro «Isto é a Casa do Gaiato» que, em boa hora, tive a lembrança de encomendar.

Embora ainda não tivesse tido tempo para o ler na totalidade, pelo que pude apreciar, o livro tem inegável interesse e apresenta uma edição muito cuidada.

Se Deus quiser, oportunamente pedirei novas edições. Não mas mandem, porém, sem que as requisite para que a fatura de «que ler» me não roube o interesse por tão atraente leitura...»

Aonde chega a devoção!
Respeitamos o critério proveitoso.

E ficamos por aqui. Entretanto, para os devidos efeitos, esclarecemos os leitores eventuais — desejosos de adquirir quaisquer obras de Pai Américo — que podem dirigir-se à Editorial da Casa do Gaiato — Paço de Sousa.

JÚLIO MENDES

LOURENÇO MARQUES

Cont. da PRIMEIRA página

Depois a esmola dá uma falsa noção de ajuda ao próximo, porque nem sempre o pedinte é aquele que precisa, nem o que dá o faz convenientemente. A esmola cria ainda verdadeiros parasitas, não apenas no pedinte mas até nos que vivem dele. Não são raros casos de adultos, pais ou não, a viverem à custa dos miúdos. Da actividade destes resultam sérias implicações sociais. É o aspecto degradante no ambiente de cidade, o tal que

incomoda o turista e a gente bem e que normalmente mais sensibiliza a autoridade. Mas o hábito de nada fazer é o mais nocivo. Temos de considerar que essas crianças não frequentam escolas, nem aprendem algo de útil. Se em pequenos são toleráveis e até inofensivos, em adolescentes e adultos tornam-se indesejáveis. Dizia-me há pouco alguém que uma patrulha de policiamento poderia levar ao Albergue meia centena de miúdos. Mas na semana seguinte teria de levar outros tantos.

O problema não pode solucionar-se com Albergues e Casas de Assistência, as poucas que temos estão autenticamente congestionadas. Mas sim com isso e uma tomada de consciência moral dos males em que a esmola nos compromete.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES
DA T. A. P. PARA ANGOLA E
MOÇAMBIQUE



mo-acumulador dá água quente a todo este corpo operacional onde o Rogério Pedro prepara as refeições.

A sala de jantar ficou um mimo! Agora não se diz refectório! Não senhor! Sala! Eles agora têm uma sala de jantar!

Está realmente linda! Um grande fogão de sala com um amplo quadro da Ceia de Emaús domina o ambiente!

As mesas são redondas, com espaço para oito pessoas. Os velhos bancos deram lugar a cadeiras individuais onde cada um sente melhor a sua própria dignidade.

Rasgámos mais janelas em

Por
Padre Acílio

busca de poesia e de frescura. Sete grandes apliques construídos na nossa serralharia dão à sala uma beleza incomparável e um ar feliz de Casa de família.

Como agora me sinto contente ao contemplá-los à mesa, abertos em comunhão fraterna, saboreando o amor com que são amados! Não basta amar! É necessário mostrar que se ama para que o amor seja vivo — isto é, despertar o amor. Pois a grande dificuldade não é amar mas sim fazer amar!

Também neste novo arranque para uma vida mais digna fomos obra de Rapazes para e pelos Rapazes. Eles os grandes obreiros! Fazendo fazem-se. Fazendo criam raízes. Enraizando-se amam. Amando, amadurecem — são homens!

Toda a mobília da sala de jantar é obra sua — dos serralheiros mais dos carpinteiros!...

Os amigos estiveram presentes com a ajuda técnica e artística, com o óculo escondido e o estímulo da sua presença!

Depois de tudo acabado, com umas centenas de contos gastos abismamo-nos na obra feita e louvamos o Senhor que nos acompanha!